

O perigo de infiltração integralista

Surgiu, ultimamente, uma nova espécie de fanáticos, eminentemente perigosa, faciosa e intolerante, vaga e unilateral, que se julga da posse da última maravilha em matéria de organização política — os integralistas. Mais imbecis do que energicos, pretendem modificar, dum momento para o outro, o sistema político da sociedade burguesa, sem meditarem um pouco que a psicologia dos povos repele em absoluto a hipótese da implantação do seu regime.

Inimigos ferozes do individualismo são, a-pesar-disso, tão individualistas que entendem ser os povos a argila maleável que adquirirá dum momento para o outro a forma que aos seus desígnios convém.

Intitulam-se os portadores da doutrina mais moderna, com uma audácia irritante e caricata, ao mesmo tempo que se afirmam tradicionais, conciliando assim artificiosamente o século XX com a idade média. É claro que estes hibridismos provocariam, se triunfassem, uma série de lutas sangrentas.

Que têm de comum estas ideias com as dumha república democrática que, a-pesar-de anacrónicas, são incomparavelmente mais modernas, sem que contudo se harmonizem com os interesses humanos? Nada. Teriam, nesse caso, os monárquicos, integralistas, aderido à república, uma vez que declaram apoiar francamente esta situação, consoante ainda, há dias, o ratificou a *Idea Nacional*?

Os integralistas não aderiram; esculheram para abreviar o triunfo da sua monstruosamente errónea ideia política um processo que eles censuram aos conservadores — a penetração pacífica.

Estes modernistas copiaram os jesuítas — transigindo com esta moral acomodatícia em demasia que torna os regimes uma mistura desparatada com seus lances carnavalescos e trágicos. Incapazes de imporem abertamente à sociedade as suas ideias, vão-nas realizando por um sistema de conta gotas e com certo êxito, visto já lhes estarmos começando a sentir os seus perniciosos efeitos.

Pouco importa, em política, as etiquetas de que se revestem os homens ou os regimes. O que deve ser tomado em linha de conta são os actos e as palavras que os caracterizam. O que é o integralismo se não uma reacção contra a liberdade e contra todas as suas fórmulas, empíricas ou científicas, falsas ou verdadeiras, naturais ou artificiais? Pois todos constatamos que, dentro da república, o integralismo tem feito enormes progressos.

O integralismo é inimigo da liberdade individual. Nesses últimos anos a liberdade individual tornou-se um mito. Os inimigos da liberdade individual são os dominadores em política. António Maria da Silva não era o proprietário da vida política portuguesa?

A democracia tinha instituições jurídicas destinadas a defender o indivíduo e mesmo a colectividade da opressão do Estado. Em nome do Estado cometem-se os maiores crimes e as maiores violências: a razão do Estado foi o mais perverso pretexto que até hoje a tirania tem engendrado, e tão perverso que se tornou incompatível com as sociedades modernas, sob regime monárquico ou republicano.

A infâmia sem nome das deportações levadas a cabo por Vitorino Guimaraes o que era senão o desprezo levado ao máximo pela vida humana, pela mais rudimentar justiça e o regresso ignominioso às antigas tiranias que gerações anteriores destruíram com batalhas sublimes e heroicas que ficarão imortalizadas na história, como etapas dum dia que há de vir para regeneração do género humano e apoteose da inteligência sobre a fera humana que persiste em não morrer? São exactamente os integralistas quem pretende que a iniquidade deixe de ser arbitraria para ser legal; são eles quem fará todos os que amam a liberdade e a justiça a repetirem o gesto sublime que tornou crôadoras da nossa admiração as gerações que nos antecederam.

EM TORNO DUMA AFIRMAÇÃO

A harmonia social só pode reinar num regime justo e livre

Assim como se fizeram preces fervorosas para que a conflagração de 1914, que devastou fertilizantes territórios e afogou em sangue avalanches de vidas que antes da hecatombe brutal sonhavam dias doídos de felicidade embaladora, fechasse no quadro horrível das calamidades humanas a porta histórica do ciclo das grandes guerras internacionais — assim agora se erguem as mãos em votos «ardentes» para que a recente revolta política, que desolou o país em tragédias de morte e de luto em fundos sanguíneos, seja a derradeira a esgotar as suas aristocráticas classes.

Segundo o historiador a que nos reportamos, aquele fundador da escola oposita à Antistenes pôs «os conhecimentos, a ciência e a educação intelectual ao serviço de tudo quanto proporcionasse uma vida feliz». As nossas oligarquias do século XX fazem outro tanto... para seu privilegiado estípicio...

Se, em vez de intenções reservadas, a meditação sobre o estado psíquico das multidões ansiosas por melhores dias, os aconselhasse, efectivamente, a um franco e conscientioso propósito de harmonia e pacificação, colaborando no embate das ideias dentro do campo doutrinário — certamente vistoso, pela eloquente sofisticação que imitaria, agora, a espiritual tarefa de Platão. Todo o poder do seu talento convenceria, do modo mais viável possível, para «aproveitar as ideias e os gérmenes» de todos os «outros sistemas filosóficos» e sociais. Aprofundavam e desenvolviam as filosofias dos Sócrates das nossas épocas de evolução, metizavam os princípios fundamentais dessas mesmas filosofias e alargavam as teorias sócratiques à «contemplação geral do mundo moral».

Já que jactanciosamente se afirmam — e não somos nós que o queremos negar —, como Aristóteles, dotados de um «talento original e de aptidões universais», possuindo conhecimentos que os tornam senhores de «todas as ciências» — creiam como ele criou, um «método perfeitamente sistematizado» e unam todos os idealismos sócratico-platônicos da nossa era progressiva e civilizada «com um realismo natural e científico» próprio dumha vida livre, abastada e justa, que abranja no mesmo âmbito de solidariedade todos os seres humanos sem distinção...

E assim, neste crisol de idealismos emconcatenação sincera, procuraríamos, a medida que as massas se cultivavam, o melhor ascendente de um melhor bem-estar...

Mas, infelizmente, do que se trata, não é do embate leal e tolerante das ideias dentro do campo doutrinário... de um modo geral — mas, apenas, da supremacia aristocrática daquelas teorias que se quadraram ao período situacionista...

Em virtude do que, enquanto os audaciosos monárquicos que conspiraram contra a república são postos *livremente* na fronteira para logo regressarem — os indivíduos que acalentam, embora teórica e doutrinariamente, ideias de renovação social, são encarcerados e prestes a serem impostos pela barra forá, só por aquele *crime*! E todavia, ainda, que nos conste, não foi promulgado qualquer decreto que proibisse, de um modo terminante, qualquer modo de pensar doutrinário, por avançado que seja...

Destarte, Portugal jamais será uma terra livre onde tenham lugar todas as liberdades e todos os idealismos... a não ser os do passado...

atenienses e antisténicos ascetismo moral e desprezo de todos os gozos exteriores e de todas as ocupações espirituais que não tem directamente para a virtude.

Abraçam, preferentemente, as hodiernas e deturpantemente agravadas elegâncias aristocráticas dos filhos das Círculas dos nossos tempos. E tratam de assegurar, exagerando-a a seu gosto, que a filosofia é a arte da vida, encarando, como um Aristóteles de última fundição moralista, «a virtude apena como medida de prazeres» para as suas aristocráticas classes.

Segundo o historiador a que nos reportamos, aquele fundador da escola oposita à Antistenes pôs «os conhecimentos, a ciência e a educação intelectual ao serviço de tudo quanto proporcionasse uma vida feliz». As nossas oligarquias do século XX fazem outro tanto... para seu privilegiado estípicio...

Se, em vez de intenções reservadas, a meditação sobre o estado psíquico das multidões ansiosas por melhores dias, os aconselhasse, efectivamente, a um franco e conscientioso propósito de harmonia e pacificação, colaborando no embate das ideias dentro do campo doutrinário — certamente vistoso, pela eloquente sofisticação que imitaria, agora, a espiritual tarefa de Platão. Todo o poder do seu talento convenceria, do modo mais viável possível, para «aproveitar as ideias e os gérmenes» de todos os «outros sistemas filosóficos» e sociais. Aprofundavam e desenvolviam as filosofias dos Sócrates das nossas épocas de evolução, metizavam os princípios fundamentais dessas mesmas filosofias e alargavam as teorias sócratiques à «contemplação geral do mundo moral».

Já que jactanciosamente se afirmam — e não somos nós que o queremos negar —, como Aristóteles, dotados de um «talento original e de aptidões universais», possuindo conhecimentos que os tornam senhores de «todas as ciências» — creiam como ele criou, um «método perfeitamente sistematizado» e unam todos os idealismos sócratico-platônicos da nossa era progressiva e civilizada «com um realismo natural e científico» próprio dumha vida livre, abastada e justa, que abranja no mesmo âmbito de solidariedade todos os seres humanos sem distinção...

E assim, neste crisol de idealismos emconcatenação sincera, procuraríamos, a medida que as massas se cultivavam, o melhor ascendente de um melhor bem-estar...

Mas, infelizmente, do que se trata, não é do embate leal e tolerante das ideias dentro do campo doutrinário... de um modo geral — mas, apenas, da supremacia aristocrática daquelas teorias que se quadraram ao período situacionista...

Em virtude do que, enquanto os audaciosos monárquicos que conspiraram contra a república são postos *livremente* na fronteira para logo regressarem — os indivíduos que acalentam, embora teórica e doutrinariamente, ideias de renovação social, são encarcerados e prestes a serem impostos pela barra forá, só por aquele *crime*! E todavia, ainda, que nos conste, não foi promulgado qualquer decreto que proibisse, de um modo terminante, qualquer modo de pensar doutrinário, por avançado que seja...

Destarte, Portugal jamais será uma terra livre onde tenham lugar todas as liberdades e todos os idealismos... a não ser os do passado...

Diógenes de Sinope

CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

O conflito italo-iugoslavo em fôrno da Albânia

PARIS, 5.—O *Temps* publica um artigo examinando a política externa da Itália. Depois de passarem revista à ação de Mussolini, cuja ação elogia, alude ao tratado de Tirana e à política da Itália nos Balcãs, dizendo que a viagem de Bethlen a Roma, deve ser interpretada como o projeto de resolver o problema dos Balcãs pela reconstituição e prosperidade do estado húngaro em completo acordo com a Iugoslávia. — (L.)

Uma intriga diplomática da Grécia

ATENAS, 5.—O sr. Michail Kopoulos, ministro dos negócios estrangeiros, ao presidir à inauguração do centro do partido conservador democrático, pronunciou um discurso em que declarou ser intenção da Grécia manter boas relações com a Turquia e restabelecer a antiga amizade com a Iugoslávia, única forma de garantir a independência da Albânia. — (L.)

O que se fia da virgem...

LONDRES, 5.—Entrevidado em Tirana pelo correspondente do *Daily Mail*, o presidente Ahmed Zogo, disse confiar em que todas as potências e especialmente a Itália, em vista do pacto de Tirana e das obrigações impostas pela S. D. N., garantirão a independência da Albânia. — (L.)

No parlamento britânico

Veneno chinês ou mau ambiente?

LONDRES, 5.—Foram acometidos de doença súbita durante a sessão de ontem oito membros da Câmara dos Deputados, um dos quais, conduzido ao posto médico do parlamento, morreu pouco depois. Outros deputados recolheram ao hospital. Há suspeitas de envenenamento. — (L.)

A comédia pacifista

A França limita-se a observar

PARIS, 5.—A folha oficial publica o texto da resposta francesa ao «memorandum dos Estados Unidos acerca da Conferência do desarmamento naval. Agradece o convite a França declarar ser-lhe impossível pelos motivos já expostos participar da

conferência, mesmo como simples observadora. — (L.)

Liberalismo à inglesa

Uma lei para encarcerar a revolução social...

LONDRES, 5.—Foi publicado o texto da lei reguladora das lutas entre patrões e operários e sobre a criminalidade da greve. A imprensa é de opinião que a mesma provocará controvérsia e muitas sessões serão ocupadas para a discutir antes de ser posta em vigor. — (L.)

Em poucas linhas

BRUXELAS, 5.—Em consequência da Holanda ter rejeitado o tratado «Scheldt», o governo belga resolveu iniciar desde já a construção do canal ligando Antuérpia à Lige. — (L.)

MADRID, 5.—Um comunicado oficial anuncia que as tropas espanholas encarceradas de reprimir a rebelião dos mouros prosseguem sem incidente na sua marcha, tendo desarmado várias tribus. — (L.)

TOULON, 5.—Deu-se em Toulon uma colisão entre dois hidro-aviões, tendo morrido 4 tripulantes. — (L.)

OS MISTÉRIOS DO PVO

Prevenção aos leitores

Previnem-se os leitores e assinantes de OS MISTÉRIOS DO PVO que dentro de poucas semanas estará concluída a edição desta tão apreciada obra.

Nestas circunstâncias, todos os leitores que tenham comprado fascículos ou volumes devem fazer, sem demora, a aquisição dos números que lhes faltam, ou seja do resto da obra pois nenhuma razão aconselha a que fiquem com ela incompleta.

A comédia pacifista

A França limita-se a observar

PARIS, 5.—A folha oficial publica o texto da resposta francesa ao «memorandum dos Estados Unidos acerca da Conferência do desarmamento naval. Agradece o convite a França declarar ser-lhe impossível pelos motivos já expostos participar da

Notas & Comentários

Emigração

Não somos interessados no alargamento da emigração, pois não temos nenhuma agência de navegação, nem escritório de emigrantes.

Estamos, contudo, longe de considerar com a exaltaçãoalguns patriotas que pedem que seja surpreendido, com urgência, o elevado número dos que abandonam o país. Feito isto, decretar chegar-se há a conclusão que nós há muito já possuímos:

E emigração é o recurso desesperado dos que, não encontrando trabalho, abandonam o país para não rebentar de fome. Impedir o que pretende emigrar de o fazer, sem lhes dar nenhuma de subsistir, será condená-lo a uma miséria inenarrável. E isso não será um crime?

Retórica

Segundo uma entrevista concedida a um jornal da noite, vai reunir brevemente a Assembleia Nacional que será constituída por um delegado de cada município.

Vamos, pois ter, em substituição da óca retórica parlamentar, a retórica municipal. Será melhor? Será pior? Não usamos pronunciamentos. A nossa falta se subtileza a não nos permite destrinchar entre uma e outra, chegando até a supornos que não há retórica parlamentar nem retórica municipal; — h, simplesmente, retórica...

A coerência

A coerência vai sendo, por se tornar cada vez mais rara, uma virtude que tende a aumentar muito de valor. Vem isto a propósito de A Situação ter feito as mafias uma guerra implacável e inteligente e estar agora fazendo a apologia de Mussolini.

Esperamos mais uns dias a ver em que situação se coloca definitivamente A Situação. Por Cesar ou contra Cesar?

Imprensa

Passou o 10.º aniversário de A Situação que durante a maior parte dos anos de sua existência não se publicou. E caso para se dizer que tendo uma vida longa está longe de ter tido uma vida intensa.

Uma das razões que tornou possível a presente situação política — sustentam-no os seus defensores e é verdade — foi o facto dos anteriores governantes, na ânsia de anular adversários, não se limitarem às sanções legais. A circunstância de em geral não escrupularem no emprego de medidas coercitivas em muito contribuiu efectivamente para a sua queda estrondosa.

Como os actuais detentores do poder têm afirmado «não pretendem perseguir por sistema, recordam-lhes que ocorre presentemente um caso, de que possuem talvez um imperfeito conhecimento, que se presta a conjecturas várias, caso que os mesmos governantes, no seu próprio interesse, não escrupularem no emprego de medidas coercitivas de forma a reduzir as propórias devidas.

Há trinta e três dias que estão presos, sem culpa formada, treze operários, por um delito de agressão, caso que, como se sabe, é da alçada dos tribunais comuns. O agredido foi o director da Biblioteca Nacional de Lisboa, agressor um daqueles homens. O último assumiu desde o primeiro momento, a responsabilidade do seu acto, pelo qual se não arrebia de responder. Não obstante, não está ainda pronunciado, nem os seus colegas foram restituídos à Liberdade, como seria da mais elementar justiça.

Todos os

TIVOLI
ÁS 21 HORAS
Uma obra prima de cinematografia
dinamarquesa

AMO E SENHOR
Comédia sentimental, em seis partes, com
Johns Meyer — Astrid Holm —
Matilde Nielsen
Realização de Carl Dreyer

O medroso valente
Comédia de aventuras, em 7 partes, com
Douglas Fairbanks

NO JAPÃO
(Documentário)

UMA CINÉ FARÇA
REVISTA MUNDIAL
Orquestra sob a direcção do maestro
NICOLINO MILANO
Amanhã: — Matinée às 15 horas

COLISEU
ULTIMOS ESPECTACULOS
da temporada do circo
HOJE
A surpreendente e grandiosa pantomima
oriental

MIL E UMA NOITES
Um belo corpo de baile
Riquíssima montaria-tourma
Deslumbrantes ornamentos
Surpreendentes efeitos de luz
Inconvenientes figurinos
Os cavalos encantados

A mais estonteante "feerie", que se tem visto
em Portugal

Todas as formidáveis atrações da
Grande Companhia de Circo

Amanhã: — ULTIMA "MATINÉE" ELEGANTE
BILHETES À VENDA

TEATRO APOLÓ
TELEF. N. 4129
Companhia ALMEIDA CRUZ
HOJE e todas as noites
A pitoresca opereta
MOURARIA
Admirável interpretação
A vida bairrista
em pleno palco

TEATRO NACIONAL
HOJE E AMANHÃ
não há espectáculo

SÁBADO:
Festa de homenagem
à culta e inteligente actriz-em-
presária

Berta de Bivar
com o célebre drama
A MORTE CIVIL
Protagonista: Alves da Cunha

TEATROS

Coliseu dos Recreios

Últimos espectáculos da Companhia de Circo

ses e os restantes estrangeiros têm reconhido a pontos seguros. O dia decorreu normalmente, sem que as forças britânicas de defesa da concessão tenham efectuado quaisquer movimentos. Em resposta a uma consulta do comandante das forças francesas, que indagou se poderia solicitar o auxílio das forças britânicas no caso de necessidade, o general Duncan informou que daria a cooperação das forças do seu comando, se a linha francesa se encontrar em perigo. Os marinheiros americanos dispararam metralhadoras sobre um grupo de "coolies" que haviam assaltado uns navios mercantes dos Estados Unidos. —(L.)

Os sucessos de Nanquim

A actividade diplomática

LONDRES, 5.—Espera-se que o governo britânico apresente em breve as suas reclamações relativas aos últimos acontecimentos em Nanquim às autoridades chinesas legalmente constituídas, trabalhando ao mesmo tempo no sentido de evitar a repetição dos ultrajes. A Inglaterra deseja prosseguir na política por ela delineada em dezembro último. —(L.)

PARIS, 5.—O governo francês encarregou os seus representantes em Nanquim e Xangai de protestar energeticamente contra o assassinato de dois missionários franceses em Nanquim, exigindo reparações. —(L.)

BERLIM, 5.—Dizem de Londres que é exagerado o número de chineses que o governo de Cantão apresenta como tendo sido mortos em Nanquim. —(L.)

Os tumultos em Hankow

As tropas cantonenses defendem a concessão japonesa

HANKOW, 5.—Os japoneses evacuaram Hankow, tendo muitos recolhido a bordo dos navios de guerra do seu país partindo em seguida para Xangai. Na luta travada ontem na concessão nipônica supõe-se terem sido mortos 5 marinheiros. Vindos do Japão chegaram hoje mais três navios de guerra trazendo elevado número de provisões. As forças cantonenses guardam a concessão do Japão, que está cercada pelo povo. —(L.)

OS QUE MORREM

José Maria Cabral

Realizou-se ontem o funeral do sr. José Maria Cabral, serraleiro da Companhia Nacional de Navegação, e tio do camarára José de Oliveira, tipógrafo de *A Batalha*. No prísto fúnebre incorporaram-se muitos amigos e colegas do extinto, fazendo-se representar por um delegado da Associação de Classe dos Operários Maquinistas Fluviais e delegados dos navios da C. N. N. que se encontram no Tejo.

Lisboa trágica

Queda desastrosa

A enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, recolheu Augusto Bartolomeu dos Santos, 30 anos, vendedor ambulante, residente na rua da Embaixador, 188, loja, que caiu na rua Vieira Portuense, fracturando a perna direita.

Os vencidos da vida

No Salão de Observações do Hospital de São José, deu entrada, Joaquim Oliveira Martins, 25 anos, comerciante, residente nos Quartéis, 85, que tentou suicídio na sua Cruzeta da Ajuda, 52.

Atropelado por um automóvel

Da enfermaria n.º 2 do Hospital de Arroios, deu entrada, Felizardo António Coruja, 31 anos, empregado do comércio, residente na rua Vale Formoso, 43, loja, que foi atropelado por um automóvel na rua do Açúcar, ficando muito contuso pelo corpo.

Escada parigosa

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José, deu entrada, Constantino Bras, 55 anos, 1.º cão 127 da P. S. F., residente na rua dos Prazeres, 90, que caiu pela escada da residência, ficando muito contuso pelo corpo.

Com uma perna fracturada

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada, Urbano Mendes, 17 anos, residente no Casal do Ouro, que caiu dum muro na Ribeira Nova, fracturando a perna direita.

MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro São Carlos.—A's 21,15. —Entre os lobos.

Teatro S. Luís.—A's 21. —Paganini.

Teatro da Trindade — A's 21,15. — O Quebranto.

Teatro do Gimnásio — A's 21 — A Sorriente.

Teatro Politeama. — A's 21. — Lourdes.

Teatro Apolo — A's 20,30 e 22,30 — Mouraria.

Teatro Variedades — A's 8,30 e 10,30 — O senhor roubado.

Teatro Avenida — A's 21,30 — O bom ladrão.

Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de Circo.

Teatro Salão Foz — A's 21. — Variedades.

Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatógrafo.

Salão Olímpia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

Batalha de flores

Realiza-se na primeira quinzena de Maio, na Avenida da Liberdade, a batalha de flores promovida pelo governador civil de Lisboa.

Sob a presidência desta autoridade reúnem ontem no seu gabinete vinte representantes de associações de beneficência, tendo apreciado vários alvites: nomeado a comissão executiva para a organização da festa, que foi assim composta: presidente, governador civil; agregados, representantes da Câmara Municipal, Junta Geral do Distrito e Associação Comercial dos Lojistas.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vapores: francês "Mudanha", de Bourdeus, Corunha e Leixões, com 5 passageiros para Lisboa e 397 em trânsito; suecos "Albania", de Valencia, e "Algeria", de Stockolmo, Gotemborg e Dartmouth, todos com expediente, alemão "Heitor" de Huelva e Faro, em lastro, e holandês "Juno" de Malaga, vaissel, veleiro português "Ilha da Madeira", do Funchal, carga diversa.

Entraram ontem, no nosso porto os vap

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Locais, cirurgia e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's e horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—Horas.
Medicina, urinárias—Dr. Miguel Magalhães—12 horas.
Fute e síntese—Dr. Correia Piqueiredo—11 e 12 horas.
Lecções terapêuticas, electroterapia—Dr. R. Loff—12 horas.
Cirurgia dos dentes—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Cirurgia, pariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—31 horas.
Cirurgia das crianças—Dr. Emílio Palva—2 horas.
Cirurgia das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Locas e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Lecção e rádio—Dr. Cabral do Melo—10 horas.
Hóspede X—Dr. Aleu Salazar—1 hora.
Assistente—Dr. Laurita Beato—1 hora.



ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-malutinas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$50
A peste religiosa... \$50
A Liberdade... \$50
A Internacional (música e letra)... \$50
Pedidos a A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

CONSELHO TÉCNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, iogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmoreos de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Caldada do Bombo, 38-A, 2º

LITERATURA REVOLUCIONARIA
EM CASTELHANO

Maximo Gorki
Como se forja um Mundo Nuevo... 6500
Cuentos de Itália... 6500
La vida de um Homem inútil... 6500
Wladimir Korolenco
El Imperio de La Muerte... 6500
Dr. G. Feydoux
La vida trágica de los Trabajadores... 10500
Jean Masestan
La Educación Sexual... 10500
El matrimonio, el amor libre y la libertad maternidade... 9500
E. Reclus
La Montaña... 6500
El Arroyo... 6000
Octavio Mirbeau
El Calvario... 6500
P. Kropotkin
La ética, La revolución y el Estado... 6500
Luis Fabbri
Crítica revolucionaria... 6500
H. Malatesta
Ideario... 6500
F. Dostoyevsky
Los Hermanos Karamazov... 9500
Trotsky, — Constituição política da República dos Soviéticos... 550
G. Williams, — O congresso da Internacional Sindical Vermelha... 1500
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente... 5500

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço... 10500

Pedidos à administração

de A BATALHA

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO

que consta dum volume de 330 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Libertaria — Tática — Evolução e Revolução — Violência Liberal — Socialismo — Estado — Poder — Literário — Ideias Inconscientes — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polemicos — Leituras — Fragmento inédito.

Preço 1850 — Pelo correio 1950

Pedidos à Administração da

A BATALHA.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Assinatura anual 3000; semestre 1500.

Número avulso 300.

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Límit. — R. dos Retirozios, 125 — LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na

barbearia de Firma Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

barbearia de Firma Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

350

A BATALHA

CRÓNICA DE VIAGEM

DA MADEIRA Á CIDADE DA PRAIA

Viajar não é para operários... — O mistério empolgante do Oceano
Terras de fome e amargura — Um encontro agradável — A ini-
quiude social, em toda a parte

Viajar constitui para o proletário um problema de quase impossível solução, fruto delicioso que não poderá saborear com prazer, porque não lhe permitem os seus exigentes recursos financeiros mais do que uma digressão, de quando em vez, até Almada e Cascais, e dali contemplar o esplendor magnífico do Tejo e a casaria multiforme de Lisboa.

O inédito, porém, fica vedado aos seus olhos, e o espírito, sempre insatisfeito, se quiso do nectar capitulo do belo, que se renova de momento a momento, como num cinema cinematográfico, cristalisa-se, embora-se, vendo sempre, ante si, o mesmo ambiente, a mesma paisagem, os mesmos costumes.

Transposto por nós o óbice que nos impedia esse tão almejado anseio, com o exercício do nosso mister profissional a bordo, daremos rápidas notas do que vimos pela primeira vez, sem pretensões de maior valia, focando aqui e ali os assuntos que mais nos interessaram, através dos portos do litoral africano.

Após dois dias de navegação, por entre vagas bravas do Oceano imenso, revoltado, que fazia bairar o navio, repelindo-o com fúria, como a um intruso, chegámos em frente da Madeira.

Os nossos olhos, num êxtase, admiraram toda a grandeza da tela excepcional que a Natureza nos oferecia espontaneamente, em colaboração recíproca com o trabalho humano, fértil e criador, na disposição de moradias, qual delas a mais curiosa, pintalgando o terreno montanhoso e pitoresco, com intervalos de vegetação luxuriante e bela, vendo-se no alto dos montes, como sentinelas vigilantes perscrutando o horizonte, algumas interessantes habitações. Dir-se-iam amantes ansiosas, esperando, do alto de seus varadins, o regresso dos seus amados.

Curta paragem no amplo porto do Funchal, a demora indispensável para carregar e descarregar mercadorias. Por entre a azáfama de bordo, e de mistura com a tripulação e passageiros, observávamo-nos as operações mercantis dos vendedores de terra, com seus variadíssimos negócios, desde os bilhetes postais ilustrados da Madeira até aos que transportavam delicadas cadeiras de verga para viajantes, na sua linguagem típica, falando com desembaraço, encarando os seus produtos com um certo entusiasmo.

Fra noite quando o navio se pôs em marcha, deixando atrás de si, envolvida num manto negro, a encantadora cidade, que, iluminada, interessante vista oferecia, de longe, aos que partiam. E o barco, seguindo a sua rota, embrenhou-se no Oceano incensurável, vastidão imponente, sinalizando com um bom andamento, como se golpeasse as densas trevas da noite, as vezes parecendo um fantasma açoitado pelo vento.

Dias depois, avistámos, ao longe, terra. Era São Vicente de Cabo Verde. Os seus montes proeminentes, hirsutos, gigantescos, a aridez que se denota, sem que a mais pequena vegetação o intervalasse, definem bem, em síntese, a terra de fome e de miséria, que até a água tem de importar, para que os seus habitantes não morram de sede, da vizinha ilha de Santo Antão.

Poucos momentos depois de fundear,

NO EXTREMO-ORIENTE

O movimento anarquista no Japão

Toquio, março.—Durante o horrível terremoto, o governo promoveu uma série infinita de prisões arbitrárias, de temíveis sentenças, de execuções bárbaras, de tudo isto sendo pretexto uma conspiração contra a vida do imperador e do general que comandava a cidade em estado de sítio. Foi, então, que um oficial de polícia, obedecendo a uma ordem do governo, assassinou o querido militante anarquista Osugi, cuja mulher e um sobrinho foram, no mesmo instante, mortos bárbaramente. Assim, ficou o governo supondo aniquilada no Japão a ideia anarquista.

Em breve teve de reconhecer que se enganava. A fôrça bruta pode suprimir homens; mas, nunca pode suprimir as ideias que os animam. A comprová-lo veiu uma manifestação anarquista realizada em Toquio.

Mais de setecentos anarquistas reuniram-se, e com duas grandes bandeiras negras à frente, marcharam pelos bairros mais ricos e mais frequentados da capital.

A polícia japonesa, muito bem informada da sua brutalidade, não tardou a intervir e a iniciar uma luta sanguinária que durou até a noite da noite. Houve feridos de ambas as partes, e trinta e dois camaradas nossos foram presos.

Uma manifestação tão inesperada e tão viril, ao mesmo tempo, num país tão reacionário como o Japão, provocou, é suspeito dizer, a ira dos burgueses e a simpatia dos trabalhadores. A repressão selvática não poderá senão tornar os camaradas japoneses mais ativos.

La Lavorista Movido (O movimento operário) órgão anarquista, fundado por Osugi, e suprimido, já diversas vezes, recomeçou a sua publicação. Este jornal contém uma pequena coluna em esperanto para os camaradas europeus.

Um outro jornal, *A Juventude Negra*, órgão da Federação Juvenil Anarquista, começou a sua publicação, cheio de entusiasmo e de espírito de revolta. No referido jornal discute-se, sobretudo, sobre a ação dos revolucionários anarquistas.

Os jornais *O Homem Livre* e *A Bandeira Negra*, suprimidos pelo governo, vão sendo, não obstante, publicados.

A polícia japonesa suprimiu também o jornal *A Igualdade*, órgão do grupo «Os Igualitários», cujo gerente foi preso. Assim, nascem porém dois novos jornais anarquistas, *Os Negros* e o *Congresso Negro*.

Sobre organização

O organismo confederal

A concentração sindical efectua-se em três planos: no primeiro plano, o sindicato; no segundo, a Federação nacional corporativa dum lado e a União local do outro; no terceiro, a Confederação do Trabalho.

Confederação vêm dar todos os organismos federativos da classe operária; é ali que elas se põem em contacto uns com os outros, que se intensifica, se generaliza a ação económica do proletariado. Mas não se julga por esse facto, que a Confederação é um organismo director; é apenas um coordenador e um amplificador da ação revolucionária da classe operária; é como se vê, o contrário dos organismos democráticos, que, pela sua centralização e autoritarismo sufocam a vitalidade das unidades componentes. Na Confederação há coesão e não centralização; há impulso, mas não há direcção. O Federalismo nota-se em tudo; e em cada grau, os diversos organismos — o indivíduo, o sindicato, a Federação ou a União dos Sindicatos — são autónomos. Esse facto que origina a grande força de irradiação da Confederação: o impulso não vem de cima; parte dum ponto qualquer e as suas vibrações transmitem-se, amplificando-se, à massa confederal.

A função e o objectivo da Confederação estão definidos nos seus estatutos: agrupar os assalariados para a defesa dos seus interesses morais e materiais, profissionais e económicos.

Esta definição contém todas as manifestações da actividade humana. Assim, pela sua constituição, a Confederação afirma que a sua ação não se limita à defesa dos interesses puramente corporativos e que o progresso social lhe não é indiferente.

E, de resto, o que nos diz o parágrafo seguinte: A Confederação agrupa, fora de tudo a escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta a travar para o desaparecimento do salário e do patronato.

A Confederação é portanto neutral sob o ponto de vista político. O mesmo acontece quanto a princípios religiosos.

Sob o ponto de vista político, a neutralidade não implica de modo algum a abdicação ou indiferença em face dos problemas de ordem geral ou de ordem social; não se trata duma neutralidade, que reduziria a Confederação a evolucional no âmbito dum corporativismo estreito e a não olhar para além da tarefa momentânea e restrita duma defesa profissional, adaptada à sociedade capitalista.

A neutralidade de que se trata, pelo contrário, a proclamação dum ideal, mais preciso, mais lógico do que o que constitui a bagagem ideológica dos partidos socialistas parlamentares; este ideal ultrapassa o domínio das contingências momentâneas. O aglomerado confederal efectua-se *fora* das escolas políticas, as quais, ainda que preguem doutrinas de transformação social, são apenas um prolongamento do corporativismo; a sua base é o terreno económico, que opera a deslocação necessária, que evita toda a confusão entre os partidos e as classes.

E no campo parlamentar, nos limites da sociedade burguesa, que se agitam as escolas políticas; e a sua tendência dominante é limitar-se à modificação da fachada social. E de resto para a opinião de todos que elas apelam, e não para os interesses dumas determinada classe. Só formam exceção as escolas socialistas, as quais pretendem representar e amalgamar classes e opinião. As experiências das últimas dezenas de anos são a demonstração de quanto tal pretensão é ilógica; fatalmente, mecanicamente, considerando-se o meio em que a sua ação se manifesta, as escolas socialistas têm-se obrigadas a descurar o lado das classes para só se preocuparem com o lado opinião. Por isso todas vão dar ao parlamentarismo, tornando-se uma força extrema do democracia — e nada mais.

Doutro forma se passam as coisas com a Confederação; esta não se importa com as opiniões — instáveis ou efemeras — para atender principalmente aos interesses de classe do proletariado. Estes interesses são de base sólida, inabalável, sobre a qual se levanta todo o fio que ela visa um caráter de fixidez e de permanência, no qual não influem as relativações do presente, nem os aspectos diversos dos regimentos políticos.

Opera assim um rompimento completo

entre a sociedade actual e a classe operária;

e a sua formação prova que não há senão um agrupamento normal e eficiente: o agrupamento de classe.

A futura é, pois, completa entre os organismos sociais do passado e as que a Confederação evoca e que ela trata de realizar.

O ideal pregado e que se procura realizar

é o desaparecimento do patronato e do salário.

Este desaparecimento só pode ser total; se for total a iluminação das forças de opressão concretadas pelo Estado, e das forças de exploração, manifestadas pelo capitalismo.

Então, sobre as ruínas da sociedade burguesa, será realizable o federalismo económico, no qual o homem terá

toda a liberdade de se satisfazer e desenvolver e de que os sindicatos — grupos de produção, de circulação e distribuição serão a célula constitutiva. Ora, é evidente que a realização desta transformação social só pode ser obra de agrupamentos que na sociedade são o embrião dos organismos da sociedade nova — os sindicatos!

Não podemos conceber outros agrupamentos, aptos para o serviço de expropriação e reorganização.

O fim proclamado pela declaração de

princípios da Confederação identifica-se,

pois, com o ideal manifestado por todas as escolas da filosofia social; simplesmente, a Confederação manifesta-o, livre de todas

redundâncias da doutrina, de todos os pro-

menores sectaristas, para só lhe conservar a essência. Pode até ver-se que o manifeste

com mais amplitude, do que as escolas que

sonham com uma transformação social

dentro do Estado; há algumas destas que

limitam a sua concepção a uma transformação que deixaria substituir o salário;

os produtores continuam assalariados, mas

em vez de serem pagos por patrões indi-

viduais, eram assalariados do Estado, tor-

nado o órgão representativo do conjunto da

sociedade e fazendo face, daí por diante,

a todas as funções sociais — produção,

distribuição, etc.

Diferente dessa concepção apanhada e

centralista, o ideal manifestado pela Con-

federação condena todas as aspirações de

transformação social e é isso que lhe dá

Eu não invoco razões sentimentais para condenar a guerra: coloco-me no ponto de vista científico e, das, desafio quem quer que seja a provar-me não ser a guerra um desperdício de energias absolutamente inútil para a humanidade — DEMOFILO.



COIMBRA

Centro dum importante região proletária

Conhecendo bem a região compreendida entre Figueira da Foz, Coimbra, Louzã e Pampilhosa, e sabendo da quantidade proletária que povoa estas localidades e terras próximas, aos militantes da organização operária não pode restar dúvida alguma que se podia, e deve, constituir, após uma boa propaganda sindical, a Câmara Sindical de Coimbra e sua região, tendo como sede esta mesma cidade.

Confederação vêm dar todos os organismos federativos da classe operária;

é ali que elas se põem em contacto uns com os outros, que se intensifica, se generaliza a ação económica do proletariado. Mas não se julga por esse facto, que a Confederação

é um organismo director; é apenas um coordenador e um amplificador da ação revolucionária da classe operária; é como se vê, o contrário dos organismos democráticos, que, pela sua centralização e autoritarismo sufocam a vitalidade das unidades componentes. Na Confederação há coesão e não centralização; há impulso, mas não há direcção. O Federalismo nota-se em tudo; e em cada grau, os diversos organismos — o indivíduo, o sindicato, a Federação ou a União dos Sindicatos — são autónomos. Esse facto que origina a grande força de irradiação da Confederação: o impulso não vem de cima; parte dum ponto qualquer e as suas vibrações transmitem-se, amplificando-se, à massa confederal.

As Câmaras Sindicais locais podem, e oxalá que assim sucedesse por muita parte, desempenhar cabalmente a sua importante missão revolucionária e preparadora da militância operária para as ideias sindicalistas libertárias. As Câmaras Sindicais Regionais, porém, quando as circunstâncias as concentrassem (e atravessassem no respeitante a Coimbra um desses casos) poderiam fazer muito mais. Nem todos os militantes operários aceitam a ideia das Câmaras Sindicais Regionais, alegando razões que agora não discutiremos, mas percorrendo, como nós, o país e sentindo bem as «circunstâncias», vivendo bem as condições psicológicas da região e mais o que se separa em matéria sindical, o facto deve dar-se como consumado, hemos de convir que assim tem de ser.

Queremos exemplos? — O Porto, em atenção a Gaia, Leixões, Matosinhos, etc, que lhe ficam juntas e com quem é forçado a agir porque estas localidades são sua parte integrante; a Covilhã, por causa de Aldeia de Carvalho, Tortozendo, Unhais, Gouveia, São Paio, e por aí para... localidades que só vivem da indústria têxtil, e que um movimento reivindicador em uma parte

deprende a outra... todo o mal está pôsto...

E, de resto, o que nos diz o parágrafo seguinte: A Confederação agrupa, fora de tudo a escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta a travar para o desaparecimento do salário e do patronato.

A Confederação é portanto neutral sob o ponto de vista político. O mesmo acontece quanto a princípios religiosos.

Conhecendo bem a região compreendida entre Figueira da Foz, Coimbra, Louzã e Pampilhosa, e sabendo da quantidade proletária que povoa estas localidades e terras próximas, aos militantes da organização operária não pode restar dúvida alguma que se podia, e deve, constituir, após uma boa propaganda sindical, a Câmara Sindical de Coimbra e sua região, tendo como sede esta mesma cidade.

As Câmaras Sindicais locais podem, e oxalá que assim sucedesse por muita parte,

desempenhar cabalmente a sua importante

missão revolucionária e preparadora da

militância operária para as ideias sindicalistas libertárias. As Câmaras Sindicais Regionais, porém, quando as circunstâncias as concentrassem (e atravessassem no respeitante a Coimbra um desses casos) poderiam fazer muito mais. Nem todos os militantes operários aceitam a ideia das Câmaras Sindicais Regionais, alegando razões que agora não discutiremos, mas percorrendo, como nós, o país e sentindo bem as «circunstâncias», vivendo bem as condições psicológicas da região e mais o que se separa em matéria sindical, o facto deve dar-se como consumado, hemos de convir que assim tem de ser.

Queremos exemplos? — O Porto, em atenção a Gaia, Leixões, Matosinhos, etc, que lhe ficam juntas e com quem é forçado a agir porque estas localidades são sua parte integrante; a Covilhã, por causa de Aldeia de Carvalho, Tortozendo, Unhais, Gouveia, São Paio, e por aí para... localidades que só vivem da indústria têxtil, e que um movimento reivindicador em uma parte

deprende a outra... todo o mal está pôsto...

E, de resto, o que nos diz o parágrafo seguinte: A Confederação agrupa, fora de tudo a escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta a travar para o desaparecimento do salário e do patronato.

A Confederação é portanto neutral sob o ponto de vista político. O mesmo acontece quanto a princípios religiosos.

Conhecendo bem a região compreendida entre Figueira da Foz, Coimbra, Louzã e Pampilhosa, e sabendo da quantidade proletária que povoa estas localidades e terras próximas, aos militantes da organização operária não pode restar dúvida alguma que se podia, e deve, constituir, após uma boa propaganda sindical, a Câmara Sindical de Coimbra e sua região, tendo como sede esta mesma cidade.

As Câmaras Sindicais locais podem, e oxalá que assim sucedesse por muita parte,

<p